

## A EDUCAÇÃO DO CAMPO E A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS: EXPERIÊNCIAS DO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES<sup>1</sup>

Aila Cristina Costa de Jesus<sup>2</sup>

Aline dos Santos Lima<sup>3</sup>

Angela Andrade Calhau<sup>4</sup>

### RESUMO

Buscamos neste artigo apresentar reflexões sobre os diálogos entre a temática da produção de alimentos com utilização de agroquímicos e a Educação a partir do Curso de Formação em Experimentos Pedagógicos para Escolas do Campo. O curso foi uma das atividades realizadas no âmbito do “Projeto Debatendo com/na escola básica: o uso de tóxicos no agro brasileiro” (Edital de Extensão nº 02/2020/PROEX/CPPEX/IFBAIANO) executado pelo Grupo de Pesquisa em Questões Agrárias do IF Baiano/CNPq (NEQA - IF Baiano/CNPq). O objetivo geral do curso foi contribuir com a formação continuada dos professores e professoras da Educação Básica do Território de Identidade Vale do Jiquiriçá a partir da socialização de experiências produzidas nas Escolas do Campo. O texto em tela tem como ponto de partida as reflexões construídas durante as discussões referente ao uso de agrotóxicos da produção de alimentos. Metodologicamente, realizamos: 1) levantamento bibliográfico; 2) observação em ambiente virtual; 3) aplicação de questionários; 4) análises e discussão dos dados e dos relatos/registros. A realização deste Curso se apresenta como resultado de uma série de ações que vêm sendo desenvolvidas pelo NEQA que permitiu o acúmulo (teórico-empírico) de leituras e experiências que resultaram na efetivação do curso. Com isso, o Curso possibilitou a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, além de apontar para a necessidade da realização de novas atividades voltadas para a formação de educadores do campo.

**Palavras-chave:** Educação do Campo, Formação de professores, Produção de alimentos.

### INTRODUÇÃO

*Para vocês, que emitem montes de dióxido  
Para vocês, que têm um gênio neurastênico  
Pobre tem mais é que comer com agrotóxico*

---

<sup>1</sup> O presente trabalho apresenta resultados do projeto de extensão “Debatendo com/na escola básica: o uso de tóxicos no agro brasileiro” financiando pelo IF Baiano *Campus* Santa Inês através do Edital de Extensão nº 02/2020/PROEX/CPPEX/IFBAIANO.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia - UFBA, [ailacristinacj@gmail.com](mailto:ailacristinacj@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Geografia UFBA, Professora do IF Baiano *campus* Santa Inês, [aline.lima@ifbaiano.edu.br](mailto:aline.lima@ifbaiano.edu.br)

<sup>4</sup> Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação do Campo Universidade Federal da Bahia - UFRB, [aacalhau@aluno.ufrb.edu.br](mailto:aacalhau@aluno.ufrb.edu.br)

*Povo tem mais é que comer se tem transgênico  
É o que acha, é o que disse um certo dia  
Miss motosserrainha do desmatamento  
Já o que acho é que vocês é que deviam  
Diariamente só comer seu "alimento"*

A partir das palavras cantadas por Chico Cezar, começamos nossa reflexão sobre os diálogos entre a temática da produção de alimentos com utilização de agroquímicos e a Educação. Essa foi a música que utilizamos como mística<sup>5</sup> de abertura do 4º encontro do Curso de Formação em Experimentos Pedagógicos para Escolas do Campo.

O Curso foi uma das atividades realizadas no âmbito do "Projeto Debatedo com/na escola básica: o uso de tóxicos no agro brasileiro" (Edital de Extensão nº 02/2020/PROEX/CPPEX/IFBAIANO) executado pelo Grupo de Pesquisa em Questões Agrárias do IF Baiano/CNPq – conhecido como NEQA<sup>6</sup> (LIMA, 2020).

O objetivo geral do curso foi pensado para contribuir com a formação continuada dos professores e professoras da Educação Básica do Território de Identidade Vale do Jiquiriçá<sup>7</sup> a partir da socialização de experiências/saberes articulados com a sistematização de conhecimentos produzidos nas Escolas do Campo. Nessa caminhada, trabalhamos em quatro módulos que discutiram as seguintes temáticas: 1) Questão Agrária e Estrutura fundiária no Brasil - Bahia e Vale do Jiquiriçá; 2) Educação do Campo; 3) Agrotóxicos e a produção de alimentos e 4) Agroecologia: desafios e possibilidades para Educação Básica.

---

<sup>5</sup>A mística resgata a luta dos trabalhadores do campo, expressa suas resistências, utopias, símbolos e sentimentos. É um elemento do processo educativo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) (CALDART, 2003). Por isso, inspiradas pelo MST, a mística fez parte de todos os encontros do Curso.

<sup>6</sup>O Núcleo de Estudos em Questões Agrárias (NEQA) foi criado, em junho de 2012, mediante cadastro no antigo Núcleo de Extensão do IF Baiano *Campus* Santa Inês. Em fevereiro de 2018, foi solicitado o registro do NEQA no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Neste contexto, se optou por mudar sua denominação – Grupo de Pesquisa em Questões Agrárias do IF Baiano – e manter a sigla – NEQA – por questão de identidade. O NEQA-IF Baiano/CNPq, é formado por professores, técnicos administrativos e estudantes de graduação e especialização dos *campi* do IF Baiano em Bom Jesus da Lapa, Governador Mangabeira, Santa Inês e Serrinha, além de egressos e membros da comunidade externa.

<sup>7</sup>Inicialmente, o curso foi pensado para professores e estudantes das licenciaturas dos vinte municípios que compõem o recorte espacial denominado como Território de Identidade Vale do Jiquiriçá no Estado da Bahia (Amargosa, Brejões, Cravolândia, Elísio Medrado, Irajuba, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara, Jiquiriçá, Lafaiete Coutinho, Laje, Lajedo do Tabocal, Maracás, Milagres, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino, Santa Inês, São Miguel das Matas e Ubaíra). No entanto, no período de inscrição, recebemos manifestações de interesse de profissionais de outros estados querendo fazer o curso. Dessa forma, decidimos destinar uma parcela das vagas para pessoas de outras regiões.

Os módulos foram ministrados por integrantes do NEQA-IF Baiano/CNPq e contou com a participação de trinta e três professores e professoras - que atuam desde a Educação Básica até o Ensino Superior - e sete estudantes de licenciaturas. Como critério de seleção, levamos em consideração a área de formação/atuação, pensando no ganho teórico-metodológico que o contato entre as diferentes áreas do conhecimento poderia proporcionar. Além disso, foi considerada a diversidade geográfica dos/das cursistas das diferentes Unidades Federativas (Alagoas, Bahia, Pará, Piauí, Rio Grande do Sul e Tocantins), possibilitando a troca de experiências entre sujeitos diversos que atuam e/ou têm ligação com o campo brasileiro.

Durante a caminhada do Curso, foram propostas discussões que possibilitaram construir um alicerce para a compreensão do modelo agrícola de produção brasileiro. Versamos discussões sobre as condições históricas e sociais que garantiram o acesso à terra no Brasil (GERMANI, 2006). Inserimos as discussões sobre a Educação do Campo como fruto da luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Dentre as lutas travadas pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais, apresentamos as discussões sobre a produção de alimentos. De um lado, o modelo de produção com base nos agroquímicos. De outro, apresentamos, a partir dos referenciais da Educação do Campo, o modelo de produção do respeito a toda forma de vida, a produção de base agroecológica.

Diante do exposto, no presente texto, pretendemos tecer considerações sobre os diálogos entre a Educação do Campo e a produção de alimentos, tendo como ponto de partida as reflexões construídas durante o Curso voltados para as discussões sobre o uso de agrotóxicos.

A produção agrícola no Brasil ocupa uma importante posição na geração de trabalho e renda, em especial, a partir da agricultura familiar. No entanto, essa produção não está desvinculada do modelo de produção pautada no uso de agrotóxicos, que no cenário brasileiro, é intensivo e em grande escala, colocando o país como um dos principais consumidores de agrotóxicos do mundo (LIMA, JESUS, PEDREIRA, 2019).

A partir disso, alguns questionamentos são levantados: Como pensar a formação de professores frente a problemática da produção de alimentos? Como articular as diversas áreas do conhecimento em uma proposta de Educação que dialogue e combata a utilização de agrotóxicos na produção de alimentos e o modelo de produção que ele representa? Como instrumentalizar os professores para realizarem os enfrentamentos necessários frente a essa temática? Quais alternativas podemos construir?

Essas foram algumas das questões que mobilizaram a realização dos estudos destinados à temática dos agrotóxicos. Visto que, essa realidade pede reflexão a partir dos/das professores/professoras da Educação Básica, bem como, dos/das pesquisadores/pesquisadoras das instituições de ensino superior e dos movimentos sociais frente ao modelo de produção com base nos agrotóxicos (LIMA, 2019b).

## **METODOLOGIA**

Metodologicamente, o presente texto parte das reflexões e acompanhamento do Curso de Experimentos Pedagógicos para Escolas do Campo. Para isso, percorremos alguns caminhos, a saber: 1) levantamento bibliográfico; 2) observação em ambiente virtual; 3) aplicação de questionários; 4) análises e discussão dos dados e dos relatos/registros.

O levantamento bibliográfico aconteceu anteriormente à realização do Curso, ou seja, durante o processo de formação da equipe executora a partir dos referenciais teóricos da Educação do Campo e da produção de alimentos no Brasil. Para tanto, foram selecionados e estudados livros, teses, dissertações, periódicos, anais de eventos e cartilhas nessa etapa.

Utilizamos como ferramentas de pesquisa a observação em ambiente virtual e registros dos relatos orais e escritos. Devido a pandemia da COVID-19, causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), as aulas do curso aconteceram no formato remoto por meios de plataformas de videoconferências. Dessa forma, a observação se deu a partir do acompanhamento das aulas síncronas, das gravações e atividades assíncronas do módulo referente às discussões sobre os agrotóxicos e produção de alimentos.

Outra ferramenta de pesquisa utilizada foi a aplicação de questionários via *Google Forms* com intuito avaliar o processo do curso e construir reflexões coletivas sobre a temática abordada. Por meio dos questionários, tratamos de questões sobre o nível de satisfação com o módulo e com as discussões e as abordagens da temática sobre o uso de agrotóxicos na Educação Básica. Investigamos também se os professores conheciam casos de intoxicação por agrotóxicos e se a temática era abordada em suas comunidades por algum coletivo e/ou movimentos sociais. Por fim, deixamos um espaço destinado aos cursistas darem sugestões de como trabalhar a temática em sala de aula. Essa última pergunta em especial possibilitou a construção de um material coletivo que foi

disponibilizado aos cursistas intitulado "Metodologias e recursos didáticos para trabalhar a temática dos Agrotóxicos em sala de aula".

De forma geral, a metodologia utilizada durante o curso foi orientada a partir da dialogicidade freiriana (FREIRE, 1987). Para isso, realizamos estudos teóricos a partir de textos selecionados sobre a temática abordada. Buscamos construir uma caminhada na socialização de conhecimentos, pautada na reflexão por meio de vídeos, músicas, poesias e/ou imagens, cada um/uma com os “pés no chão” na sua realidade concreta. Por fim, é importante destacar que as aulas foram gravadas e disponibilizadas para estudos, isso porque, boa parte dos cursistas sinalizam as dificuldades com relação ao acesso de internet<sup>8</sup>.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação do Campo é um conceito novo, em movimento e em disputa. Isto reflete o processo histórico e atual da sociedade brasileira e as dinâmicas específicas dos sujeitos do campo carregadas de fortes contradições. No entanto, devemos compreender como um conceito que “não é fixo, fechado, também não pode ser aleatório, arbitrário: qualquer um inventado por alguém, por um grupo ou por alguma instituição, por um governo, por um movimento ou organização social” (CALDART, 2008, p. 69).

Fruto das lutas dos trabalhadores e trabalhadoras do campo frente à política de negação à Educação, a Educação do Campo perpassa pela disputa de projetos para o campo. Ela se posiciona contrária ao projeto político que delega o campo como lugar de atraso, que expulsa famílias e fecha escolas (CALDART, 2008). A Educação do Campo, portanto,

(...) nomeia *um fenômeno da realidade brasileira atual*, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do

---

<sup>8</sup>Segundo dados de 2018/2019 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018/2019 sobre o “Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019” do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), houve um crescimento recente na utilização de internet no Brasil, com isso, em 2019, 82,7% dos domicílios utilizavam internet. No entanto, apesar disso, nas áreas rurais somente 55,6% dos domicílios têm acesso à internet, enquanto, nas áreas urbanas esse número chega a 86,7%. Dentre os motivos listados pela não utilização da internet pela população das áreas rurais, temos: a falta de disponibilidade do serviço de internet e os valores dos serviços caros, bem como os equipamentos necessários para utilização com custo caro para aquisição. Isso só reforça o caráter desigual do acesso à Educação, se pensarmos na oferta do ensino remoto durante a pandemia. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf). Acesso em: 01 jul. 2021.

conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana (CALDART, 2012, p. 259, *grifo do autor*)

Este "fenômeno da realidade brasileira" foi desenvolvido a partir de experiências de luta no âmbito das áreas de reforma agrária, das comunidades rurais na afirmação do direito à educação que perpassa desde a Educação Infantil até à universidade (CALDART, 2012). Em virtude disso, é necessário que as lutas dos sujeitos do campo façam parte da construção de uma Educação do Campo vinculada à realidade concreta da diversidade de sujeitos, modos de vidas e sociabilidades do campo e no campo.

Para Caldart (2012, p. 263), a Educação do Campo deve combinar a "luta pela educação com luta pela terra, pela Reforma Agrária, pelo direito ao trabalho, à cultura, à **soberania alimentar**, ao território (grifo nosso). Por isso, é necessário que a formação dos educadores e educadoras do campo trate de questões que englobam todas as dimensões da vida dos sujeitos do campo, questões que põem em risco a sua reprodução social, como por exemplo, a soberania alimentar ameaçada pelo modelo de produção agrícola com base nos agroquímicos.

No Brasil, a inserção em larga escala do uso de agrotóxicos ocorreu paralelamente ao processo de "modernização do campo". Tais processos acentuaram as contradições no campo brasileiro, aumentaram a concentração de terra e poder, ao mesmo tempo que elevaram o desemprego no campo e expulsaram famílias no movimento campo-cidade (RIGOTTO; ROSA, 2012).

Nesse contexto, os educadores são fundamentais no processo pedagógico pensado a partir das lutas e dos enfrentamentos dos sujeitos do campo a partir das escolas localizadas no espaço rural. Por isso, trazer a temática dos agrotóxicos para a formação dos professores e professoras do campo, de forma integrada com a realidade concreta, é contribuir com um projeto político para o campo que perpassa pela garantia de direitos e compromisso com a transformação social. Pensar a formação de professores e professoras com a realidade específica do campo permite, também, construir uma relação direta com a agricultura camponesa, a produção agroecológica e o trabalho coletivo, a partir do qual a vida humana se mistura com a terra, se entrelaça com a produção de alimentos saudáveis, sem exploração da natureza e dos homens e mulheres (CALDART, 2012).

Por isso, a contribuição do Curso caminha no sentido da produção de conhecimento a partir de um coletivo de produtores-pesquisadores sobre a própria

realidade, sobre a prática de formação, frutos das experiências de pesquisa, ensino e extensão com os movimentos e povos do campo (ARROYO, 2012).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O módulo "Agrotóxicos e a produção de alimentos", realizado sincronicamente em 2 de junho de 2021, teve como ementa os seguintes tópicos: Agrotóxicos, conceito, consumo e usos no Brasil; Impactos do uso de agrotóxicos; Panorama do uso de agrotóxicos no Brasil - Bahia e Vale do Jiquiriçá.

De início, propomos uma reflexão sobre a produção de alimentos antes da inserção dos agrotóxicos. Como era o trabalho do camponês e da camponesa na produção de alimentos? Como era o cultivo da terra? De onde vinha nossa comida? Como ela era produzida? Essas foram algumas das questões apresentadas. Após esse momento inicial, intercalamos a exposição e debate do conceito de agrotóxico com a trechos dos documentários "O Veneno está na mesa I e II" de Silvio Tendler (2011; 2014). O propósito era evidenciar como se deu a inserção do uso de agroquímicos no Brasil a partir da revolução verde. Além disso, destacamos o caráter lucrativo por trás do uso de agrotóxicos entre as multinacionais e o agronegócio brasileiro (BOMBARDI, 2017); (LIMA; JESUS; PEDREIRA, 2019).

Esse caráter lucrativo e restrito a uma minoria também pode ser observado a partir da estreita ligação entre as áreas plantadas com monoculturas (que culmina com o acirramento da concentração das terras) no país e o aumento da comercialização/uso dos agrotóxicos por área, bem como, o aumento dos casos de intoxicações (BASSI, 2018). O modelo de produção do agronegócio é baseado na "maior concentração fundiária, menor produção de alimentos [produção de *commodities*], condições de trabalho degradantes e impactos sobre o ambiente e sobre a água" (BOMBARDI, 2017, p. 32)

A obra "Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia", de Larissa Bombardi (2017) foi uma referência importante no debate. Por meio da cartografia da obra, problematizamos a vinculação entre o tipo de exploração agrícola e sua vinculação com o uso de agrotóxicos e os casos de intoxicações tendo como análise a realidade do Brasil - Bahia - Vale do Jiquiriçá.

Os danos provocados pelo uso de agrotóxicos são inúmeros, tanto para a saúde humana, como para o meio ambiente, pois interfere em "mecanismos fisiológicos de

sustentação da vida”. Dentre seus efeitos crônicos, podemos listar: alterações cromossômicas, malformações congênitas, infertilidade masculina, câncer, interferência endócrina, doenças hepáticas, doenças renais, doenças respiratórias e doenças dermatológicas (RIGOTTO; ROSA, 2012, p. 90).

Por isso, a temática dos agrotóxicos se coloca como necessária na formação inicial e continuada de professores e professoras do campo, na medida que oferece meios de compreensão de questões sociais, ambientais, geográficas e históricas, de abrangência que vão desde o local ao global, uma vez que, de modo geral, de alguma forma, boa parte da população brasileira está exposta aos impactos e consequências do uso dos agrotóxicos. Portanto, a temática do uso dos agrotóxicos é integral no sentido de permitir uma abordagem interdisciplinar que engloba múltiplas dimensões e capaz de ser problematizada em uma educação que se propõe contextualizada (FERNANDES; STUANI, 2015); (FONSECA; DUSO; HOFFMANN, 2017); (RIGOTTO; ROSA, 2012).

Ao questionarmos como os professores e professoras trabalhavam com a temática em sala de aula e de que maneira abordavam, foi sinalizado que sim, que as discussões já fazem parte de aulas. A forma de abordagens foram diversas, tais como: discussão a partir de textos informativos, exibição de vídeos e imagens sobre o tema, apresentações de pesquisas, debates, exibição de documentários, entrevistas com pessoas da comunidade externa, entre outras. Os relatos de dois cursistas expressam as formas como eles tratam a temática:

Já fiz [atividades] com as turmas do 8º e 9º. Dividimos o tema e fizemos uma apresentação (...) a ideia era abrir para as demais turmas, mas não deu. Pretendo ampliar com toda a escola e com a participação de alguns técnicos, alguém da ANVISA local. Tenho um conhecido, um médico(a) para fazer uma fala sobre o tema. Pensando em dois dias de apresentação (CURSISTA JDSM, 2021)

Transmiti o documentário "O Veneno está na mesa". E depois relacionei com as invenções da Guerra, como o agente laranja e o gás aplicado nas câmaras de extermínio nazista. Transmiti a preocupação com a difusão e aumento da aplicação de agrotóxicos nas propriedades da região onde se encontra a Escola (CURSISTA JRH, 2021).

Com isso, podemos demonstrar o caráter “experimental” do Curso, no qual as experiências já construídas por professores e professoras do campo foram socializadas, servindo de inspiração e provocação para os demais. Uma referência para pensarmos as possibilidades de intervenções na realidade. Como afirma Caldart (2012, p. 265), os experimentos pedagógicos que acontecem nas escolas do campo se aproximam mais dos



desafios e da realidade concreta da vida dos camponeses. Além disso, a possibilidade de socializar experiências em rede com professores e professoras de diferentes realidades ajuda a construir uma coletividade maior entre os educadores do campo, pois, como ressalta Caldart (2003, p. 75), “pisar em outros territórios, conversar com outras gentes, ouvir outros sotaques, mudar de ambiente, ver outras coisas, produz um ‘arejamento’ indispensável para a formação de educador”.

Nesse bojo, a discussão faz parte da realidade dos e das cursistas para além das abordagens em sala de aula. Seja por ter presenciado casos de intoxicações por agrotóxicos dos discentes que lidam diretamente com a produção de alimentos - como foi relatado por alguns deles - ou seja por meios de exposição a agrotóxicos por meio da água e/ou de alimentos contaminados. Por isso, durante o Curso, com intuito de inserir no debate a realidade dos sujeitos que integravam o coletivo em formação, apresentamos os dados referente a quantidade de agrotóxicos detectados nas águas que abastecem as cidades as quais residem (Quadro 1). Os dados expostos fazem parte do levantamento realizado no âmbito do projeto de pesquisa “Geografando o uso de agrotóxicos no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá” executado pelo NEQA - IF Baiano/CNPq (LIMA, 2019a).

Quadro 1. Número de agrotóxicos detectados na água para os municípios onde vivem os cursistas (2014 - 2017)

Cidade/Estado	Quant. de agrotóxicos detectados	Agrotóxicos associados a doenças crônicas <sup>9</sup>	Outros agrotóxicos
Belém/PA	Nunca testado***	-	-
Dom Macedo Costa/BA	Nunca testado	-	-
Governador Mangabeira/BA	Nunca testado	-	-
Gurupi/TO	27	11	16
Jacobina/BA	15	8	7
Mascote/BA	15	8	7
Montenegro/RS	13	4	9
Mutuípe/BA	Nunca testado	-	-

<sup>9</sup> Os 11 agrotóxicos associados a doenças crônicas, como câncer, defeitos congênitos e distúrbios endócrinos foram: Alaclor, Atrazina, Carbendazim, Clordano, DDT + DDD + DDE, Diuron, Glifosato, Lindano, Mancozebe, Permetrina e Trifluralina. Os outros 16 agrotóxicos foram: 2,4 D + 2,4,5 T, Aldicarbe, Aldrin, Carbofurano, Clorpirifós, Endossulfan, Endrin, Metamidofós, Metolacoloro, Molinato, Parationa Metílica, Pendimentalina, Profenofós, Simazina, Tebuconazol e Terbufós (Portal Por trás do Alimento, 2018).

Santa Inês/BA	Nunca testado	-	-
Santa Cruz Cabrália/BA	15	8	7
Santo Antônio de Jesus/BA	15	8	7
São Domingos/BA	15	8	7
Ubaíra/BA	15	8	7

\*As cidades que se encontram sem dados (nunca testado) são oriundas de duas questões: ou são cidades abastecidas com águas vinda de outros municípios ou a empresa responsável pelo abastecimento no período de 2014 a 2017 não realizou os testes de detecção

Fonte: Controle do Sistema de Informação de Vigilância da Qualidade da Água para Consumo Humano (SISAGUA), do Ministério da Saúde *apud* Por trás do alimento (Agência Pública e Repórter Brasil), 2018. Elaboração: Aila Cristina Costa de Jesus, 2021.

O quadro exposto reafirma, que de certa forma, as discussões em torno do uso e abusos dos agrotóxicos atingem a toda população brasileira em diversas dimensões. Como é possível observar, em diferentes municípios/Estado brasileiros, a população, do campo ou da cidade, são expostas diariamente a agroquímicos que bioacumulam nas células animais e vegetais, contaminando o solo, o ar e os locais de reprodução da vida dos camponeses e camponesas (RIGOTTO; ROSA, 2012)

Diante disso, como não trazer esse debate para dentro das escolas? Principalmente, dentro das escolas do campo, onde os sujeitos que ali estão tem vinculação direta com a produção de alimentos. E para além da escola, como esse enfrentamento vem acontecendo? Ao questionarmos se a temática do uso de agrotóxicos era abordada nas comunidades dos/das cursistas por coletivos e/ou movimentos sociais, foi sinalizado que sim. Dentre os sujeitos organizados que travam esse debate, destacaram nas respostas os sindicatos dos trabalhadores rurais e as associações comunitárias. As questões apontam para a necessidade de tratar desse tema em espaços formais, não formais e informais. Nesse sentido, a participação da comunidade é essencial nesse processo, permitindo o diálogo entre os conhecimentos científicos e os saberes populares para elucidar as contradições da realidade apresentada (FONSECA; DUSO; HOFFMANN, 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do Curso de Formação em Experimentos Pedagógicos para Escolas do Campo concretiza a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A realização

deste Curso foi construída devido a uma série de ações que vêm sendo desenvolvidas pelo NEQA - IF Baiano/CNPq que possibilitou o acúmulo (teórico-empírico) de leituras e experiências que possibilitaram a efetivação do curso.

A necessidade da realização da formação continuada para professores das escolas do campo, é uma realidade que demanda ações das instituições de ensino e dos sujeitos do campo, principalmente, quando esses professores não são oriundos do campo e/ou desconhecem as discussões teóricas e metodológicas que orientam as práticas em escolas do campo.

Por isso, o Curso revela a necessidade da realização de novas atividades no âmbito da pesquisa - ensino - extensão voltadas para a formação continuada de educadores do campo, contribuindo para a construção de um novo modelo para campo brasileiro a partir das experiências construídas no “chão” das escolas do campo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à Pró-Reitoria de Extensão do Instituto Federal Baiano e aos Cursistas do Curso de Formação em Experimentos Pedagógicos para Escolas do Campo.

## **REFERÊNCIAS**

ARROYO, M. G. Formação de Educadores do Campo. In: CALDART, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 361-367.

BASSI, Bruno Stankevicius. Latifúndio: quem são os donos da terra no Brasil? In: SANTOS, Maureen. GLASS, Verena (Orgs.). **Atlas do agronegócio: fatos e números sobre as corporações que controlam o que comemos**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, 2018. p. 14-15.

BOMBARDI, L. M. **Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia**. São Paulo: FFLCH - USP, 2017.

CALDART, R. S. A escola do campo em movimento. **Currículo sem Fronteiras**, v.3, n. 1, p. 60-81, 2003.

\_\_\_\_\_. Sobre educação do campo. In: SANTOS, C. A. (Org.). **Por uma Educação do Campo: Campo - Políticas Públicas -Educação**. 1. ed. Brasília: INCRA/MDA, 2008. v. 7, p. 67-86.

\_\_\_\_\_. Educação do Campo. In: CALDART, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 259-267.

FONSECA, E. M.; DUSO, L.; HOFFMANN, M. B. Discutindo a temática agrotóxicos: uma abordagem por meio das controvérsias sociocientíficas. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 2, n. 3, p. 881-898, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/3814/12028>. Acesso em: 02 jul. 2021.

FERNANDES, C. dos S. F.; STUANI, G. M. Agrotóxicos no Ensino de Ciências: uma pesquisa na educação do campo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 745-762, jul./set. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 13. ed, 1987.

GERMANI, G. I. Condições históricas e sociais que regulam o acesso a terra no espaço agrário brasileiro. **GeoTextos**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 115-148, dez. 2006.

LIMA, A. dos S.; JESUS, A. C. Costa de.; PEDREIRA, I. A. Modernidade e barbárie: reflexões sobre o uso de tóxicos no agro brasileiro. In: Simpósio Internacional de Geografia Agrária e Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 9., 2019, Recife-PE. **Anais IX SINGA**. Recife-PE: UFPE, 2019. p. 1-20. Disponível em: [https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/aline\\_lima\\_et\\_al\\_ix\\_singa.pdf](https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/aline_lima_et_al_ix_singa.pdf). Acesso em: 02 maio. 2021.

LIMA, A. dos S. **Debatendo com/na escola básica: o uso de tóxicos no agro brasileiro**. Santa Inês-BA: IF Baiano, 2020. (Edital de Extensão nº 02/2020/ PROEX/ CPPEX/ IFBAIANO).

\_\_\_\_\_. **“Dicomer” e “dibeber” em tempos de veneno na mesa**. Santa Inês-BA: IF Baiano, 2019b. (Edital Interno nº 04/2019/ PROEX/CPPEX/IF Baiano).

\_\_\_\_\_. **Geografando o uso de agrotóxicos no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá**. Santa Inês-BA: IF Baiano, 2019a. (CHAMADA INTERNA PROPES Nº 02/2019/ PIBIC-Af/CNPq/IF Baiano)

Por trás do alimento. **Agência Pública e Repórter Brasil**, 2018. Disponível em: <https://portrasdoalimento.info/agrotoxico-na-agua/>. Acesso em: 02 maio. 2021.

RIGOTTO, R; ROSA, I. Agrotóxicos. In: CALDART, R., PEREIRA, I. B., ALENTEJANO, P., FRIGOTTO, G. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 88-96.